

Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional

Intergenerational and intragenerational relationships: the relational matrix of the multigenerational family

Henrique Testa Vicente
Liliana Sousa

RESUMO: Este estudo analisa as redes sociais pessoais de indivíduos pertencentes a famílias com elementos em quatro gerações. Os dados foram recolhidos através do IARSP-R, administrado a 92 indivíduos, pertencentes a 23 famílias multigeracionais. Os principais resultados indicam que: existem diferenças nas características estruturais/morfológicas da rede consoante as gerações; os conteúdos funcionais/suporte da rede mantêm-se a partir da idade adulta; a contiguidade geracional reveste-se de grande importância nas famílias multigeracionais.

Palavras-chave: Família multigeracional; Relações intergeracionais e intrageracionais; Rede social pessoal.

ABSTRACT: *This study analyzes the personal social networks of individuals belonging to families with members in four generations. Data were collected through IARSP-R, administered to 92 individuals from 23 multigenerational families. The main results indicate that: there are differences in morphology/structural characteristics of the network depending on the generations; functional content/network support remain from adulthood; generational contiguity assume great importance in multigenerational families.*

Keywords: *Multigenerational family; Intergenerational and intragenerational relations; Personal social network.*

Introdução

Um conjunto de alterações sociodemográficas, nomeadamente o aumento da esperança média de vida ou a diminuição da variância na idade da morte (Kohli, 1985), associado à diminuição das taxas de natalidade, provocaram mudanças significativas na estrutura familiar, traduzidas no aumento das relações intergeracionais e diminuição das intrageracionais. Portugal segue esta tendência mundial: entre 1960 e 2001, o envelhecimento demográfico traduziu-se num decréscimo de cerca de 36% na população jovem e um incremento de 140% da população idosa (INE, 2002).

Estes padrões demográficos fariam prever que a vivência em famílias multigeracionais com quatro gerações (ou mais) fosse uma realidade contemporânea comum. Contudo, essa conclusão é precipitada e deriva apenas da interpretação do significado do aumento da longevidade (Rossi & Rossi, 1990). Viver numa família com quatro ou cinco gerações é um fenómeno social raro, pois essas famílias tendem a ser entidades sociais fugazes, sendo que os elementos mais idosos (bisavós) tendem a falecer quando os mais novos (bisnetos) estão nos primeiros anos de vida. Apesar disso, continua a ser relevante aprofundar o conhecimento do sistema familiar multigeracional, das relações intergeracionais, intrageracionais e com o meio social envolvente, porque, particularmente no contexto português, as redes de suporte tendem a equivaler a redes de parentesco (Vasconcelos, 2005); apesar de fugaz, este sistema social revela alguma ubiquidade na contemporaneidade, com uma proporção significativa de indivíduos a exercerem o papel de bisavós e bisnetos, mesmo que por curtos períodos de tempo. Este estudo constitui um contributo para a sociologia e psicologia da família, ao focar uma realidade social difícil de captar e que tem sido alvo de pouca investigação.

Tendências da investigação em famílias multigeracionais

A investigação sobre relações intergeracionais tem-se centrado em três tópicos: a) transmissão intergeracional (de atitudes, orientações e/ou comportamentos); b) percepção intergeracional (in/congruência percetiva entre gerações e diferenças associadas a mudanças

no ciclo vital); c) solidariedade intergeracional (características dos vínculos entre indivíduos de gerações diferentes). O sistema familiar multigeracional é focado, mas de forma tangencial, pois os estudos centram díades (tais como avós e netos) e não no sistema como um todo (Fine & Norris, 1989).

Acresce que parte considerável dos estudos no domínio das famílias multigeracionais utiliza um único respondente para facultar informação acerca das relações familiares. Alguns autores consideram necessário recolher informação através de múltiplos sujeitos ou usar técnicas que avaliem a família como um todo, para captar o máximo de variáveis familiares (Mangen, 1995). Blieszner e Bedford (1995) consideram que o avanço da investigação no campo da gerontologia da família requer a extensão da unidade focal de análise do indivíduo para os sistemas familiares.

Apesar de a literatura sobre relações intergeracionais tender a ser atórica (Luescher & Pillemer, 1998), alguns modelos heurísticos têm sido sugeridos. Por exemplo, Silverstein e Bengtson (1997) propõem codificar a solidariedade entre gerações em seis dimensões (estrutural, associativa, emocional, consensual, funcional e normativa), o que lhes permitiu identificar classes de relações intergeracionais, atestar a multiplicidade de possibilidades relacionais na família e a inexistência de um tipo modal de relações intergeracionais. Essa proposta suscitou o debate e a emergência de novas formulações. Luescher e Pillemer (1998) advertem que as abordagens centradas na solidariedade intergeracional se têm revelado insuficientes para apreender os aspetos positivos, negativos, contradições e tensões da vida familiar. Por isso, avançam com o conceito de “ambivalência intergeracional”, que designa as contradições irreconciliáveis subjacentes às relações entre pais idosos e filhos adultos, que podem surgir, por exemplo, perante expectativas concorrentes entre atores sociais.

A literatura reforça a necessidade de divisar metodologias de investigação que contemplem um largo espectro de variáveis, para abarcar a variedade, complexidade e multidimensionalidade das relações intergeracionais. Os modernos instrumentos de avaliação das redes sociais, pela brevidade de aplicação e multiplicidade de variáveis que avaliam, têm-se revelado importantes adições às ferramentas de investigação social, respondendo às necessidades identificadas.

Relações familiares intergeracionais e redes sociais

Desde os primórdios das ciências sociais que a relação entre pais e filhos tem sido alvo de diversos estudos e formulações teóricas, mas as relações intergeracionais que implicam a ligação de dois subsistemas geracionais não contíguos apenas ganhou relevo na segunda metade do século XX. Tal ocorreu paralelamente ao reconhecimento do envelhecimento populacional como tendência demográfica dominante e à emergência e refutação da hipótese de desmembramento das redes de parentela extensa, exteriores à família nuclear (Sussman, 1951).

A relação entre avós e netos é a relação intergeracional não contígua com maior relevo na literatura, existindo diversos estudos sobre o papel dos avós na família e sua importância para as diversas gerações do sistema familiar (Botcheva & Feldman, 2002; Goodman & Silverstein, 2001; Poehlmann, 2003).

Alguns estudos centraram a relação entre bisavós e bisnetos (Reese & Murray, 1996; Johnson & Barer, 1997). Mas as limitações na compreensão do sistema familiar multigeracional permanecem, pois esses estudos não contemplam todas as possibilidades relacionais contidas numa família multigeracional (como, por exemplo, as relações com tios, sobrinhos, sogros, genros, tios-avôs, primos e cunhados). Ou seja, fica por conhecer como os subsistemas geracionais interagem; daí que o estudo das redes sociais permita alargar o espectro de análise do contexto relacional dos membros destas famílias.

Existe evidência empírica da importância de uma rede social suportiva ao longo da vida do indivíduo (Sluzki, 1996). O conceito de rede social foi sendo desenvolvido por diversos autores (Sluzki, 1996), sendo possível atualmente caracterizá-la como uma estrutura de complexidade variável constituída por nódulos, geralmente pessoas, e laços, usualmente as relações entre essas pessoas. Os métodos de avaliação das redes sociais variam, sendo que as centradas no *ego* (ou seja, num indivíduo), também denominadas redes sociais pessoais, se têm revelado mais operacionais (Litwin, 1996). A aplicação de metodologias centradas nas redes sociais pessoais tem contribuído para o conhecimento da família multigeracional e das relações entre gerações. Vários tópicos têm sido abordados (Sousa, 2009): tipo de rede e risco de mortalidade nas fases avançadas da vida, presença do cônjuge e frequência de interação com outras pessoas, tipologias de redes sociais e saúde mental, declínio cognitivo, depressão e isolamento, diferenças consoante o género, idade e estatuto socioeconómico. Esses estudos apresentam diversas vantagens: a) caracterizar laços que unem as pessoas nas suas dimensões estruturais (organização dos vínculos) e funcionais (trocas de apoio); b) avaliar como o

indivíduo interage com a família e outros sistemas sociais; c) definir tipologias de rede que facilitam a compreensão das necessidades das populações.

Através da utilização de uma metodologia de análise das redes sociais, que permite análises para além das relações diádicas, e utilizando múltiplos respondentes por família de gerações distintas, almeja-se neste estudo uma visão mais integradora da interação entre subsistemas geracionais, que poderá facultar *um outro olhar* sobre as dinâmicas internas e externas ao sistema familiar multigeracional.

Objetivos

Este estudo exploratório procura contribuir para uma melhor compreensão da vivência familiar multigeracional através da análise das redes sociais pessoais de elementos pertencentes a quatro gerações num sistema familiar. Pretende-se caracterizar estrutural e funcionalmente as redes sociais pessoais, discriminando diferenças e semelhanças entre gerações e a influência de cada subsistema geracional nos restantes. Os objetivos específicos são: a) analisar as diferenças estruturais e funcionais nas redes sociais pessoais consoante a geração de pertença do sujeito focal; b) analisar a composição das redes sociais pessoais, considerando as relações intra e intergeracionais e as relações extrafamiliares; c) descrever os apoios disponíveis para cada geração; d) analisar as diferenças de apoio recebido por cada geração. Este estudo contribui para o conhecimento de: evolução da rede social pessoal ao longo do ciclo vital; ligação entre desenvolvimento individual e familiar; relações entre gerações separadas por dois subsistemas geracionais, tais como entre bisavô e bisneto.

Metodologia

Este estudo tem três influências: 1) em termos teóricos e conceptuais, assenta nas formulações de Sluzki (1996) sobre “rede social pessoal” (soma das relações que um indivíduo percebe como significativas ou diferenciadas da massa anónima da sociedade, e nicho interpessoal intimamente associado à identidade e imagem que a pessoa tem de si); 2) o instrumento aplicado resultou da adaptação que Alarcão e Sousa (2007) realizaram das conceptualizações teóricas de Sluzki e de uma reflexão exaustiva elaborada a partir de um conjunto de investigações realizadas com versões anteriores; 3) a análise dos dados seguiu a

metodologia e as técnicas estatísticas aplicadas por Litwin (1995) no estudo sobre redes sociais de imigrantes judeus soviéticos idosos em Israel.

Procedimentos e instrumento

Utilizou-se um processo de amostragem “bola de neve”: após a identificação de uma família que cumpria os critérios de elegibilidade (existência e disponibilidade de elementos de quatro gerações), o investigador perguntava aos sujeitos se conheciam outras famílias com as mesmas características; em caso de resposta afirmativa, os respondentes apresentavam o investigador a outra família e assim sucessivamente. O primeiro contacto com a nova família ocorria com um elemento das gerações intermédias (G2 ou G3) que constituía o primeiro momento de avaliação familiar, durante o qual era realizada uma entrevista para identificar os restantes elementos, pertencentes a gerações distintas, passíveis de serem entrevistados; e recolher os dados sócio-demográficos (idade, género, parentesco, estado civil e escolaridade). Depois procedia-se à aplicação do instrumento de análise da rede social pessoal 1 elemento de cada geração da mesma família. Todos os participantes assinaram o consentimento informado, após lhes serem explicados os objetivos e metodologia do estudo e assegurada a confidencialidade e anonimato das respostas.

O instrumento utilizado foi o IARSP-R (Alarcão & Sousa, 2007), adaptado aos objetivos e à população deste estudo, através da realização de um pré-teste com três famílias multigeracionais. As modificações foram: redução das opções de resposta nas escalas de Likert, referentes às questões sobre apoio social, de 5 para 3 pontos (os mais novos e mais idosos revelaram dificuldade com as escalas de 5 pontos); para os elementos do quadrante familiar elencados pelo entrevistado era acrescentado o laço familiar que os unia e a geração de pertença (para agrupar em subsistemas geracionais); introdução de questões sobre a duração da relação (medida da estabilidade da rede), intimidade e conflito percebidos. A Tabela 1. discrimina a entrevista, que começava com o seguinte pedido:

“Indique o nome das pessoas ou instituições/técnicos com quem esteve em contacto nos últimos 6 meses, que sejam significativos na sua vida (podendo a relação assumir uma carga positiva ou negativa/confitual), distribuindo-as segundo a ligação que mantém com cada uma, nas seguintes categorias: família, amigos, vizinhos, relações de trabalho ou estudo, técnicos ou instituições. No caso da família, especifique o parentesco e a geração a que pertencem. Se uma pessoa se enquadrar em duas ou mais categorias, coloque-a somente numa.”

Tabela 1. Instrumento e variáveis

<i>Questão</i>	<i>Variável</i>	<i>Definição</i>
Dimensão 1. Estrutural, relacional e contextual (características morfológicas)		
“Indique o nome das pessoas com quem esteve em contacto nos últimos 6 meses que sejam significativas.”	Tamanho	Número total de membros da rede
“Identifique o quadrante a que pertence cada pessoa (família, amigos, vizinhos, colegas de escola/trabalho, técnicos/instituições; no caso da família, especifique parentesco e geração).”	Composição	Proporção de membros da rede social que são colocados em cada setor
	Heterogeneidade	Número de quadrantes com elementos
“Quem conhece quem na rede social?”	Densidade	Conexões entre os membros que compõem a rede social
“Refira a distância aproximada entre o local onde reside cada pessoa identificada e a sua residência.” (1 –mesma casa; 2- mesmo bairro ou rua; 3 –mesma terra ou cidade; 4 – até 50 km de distância; 5 – mais de 50 km de distância)	Dispersão	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira o apoio que dá a cada uma das pessoas.” (1 – nenhum; 2 – algum; 3 – muito)	Reciprocidade	Comportamentos de reciprocidade do inquirido em relação aos membros da rede
“Refira com que frequência contacta ou é contactado pessoalmente, por telefone, carta, ou Internet por cada uma das pessoas que referiu.” (1 – diariamente; 2 – algumas vezes por semana; 3 – semanalmente; 4 – uma ou mais vezes por mês; 5 – algumas vezes por ano)	Frequência de contactos	Acessibilidade dos membros da rede
“Há quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com cada elemento.”	Durabilidade (Estabilidade)	Duração total do relacionamento (anos)
“Qual o grau de intimidade com cada pessoa?” (Escala de Likert de 5 pontos: 1 - “nada íntima” a 5 - “muitíssimo íntima”)	Intimidade	Grau de intimidade percebido
“Assinale a frequência com que costuma discutir ou aborrecer-se com cada membro da rede” (Escala de Likert: 1 – “nunca” a 5 -“sempre”)	Conflito	Frequência de conflito percebida
Dimensão 2. Funcional – Conteúdos disponíveis e providenciados pela rede		
“Assinale, das 8 funções consideradas, aquela(s) que habitualmente cada pessoa assume perante si.” (1 – apoio emocional, 2 – apoio financeiro, 3 – apoio instrumental, 4 – apoio de serviços, 5 – guia cognitivo, 6 – acesso a novos contactos, 7 – companhia social, 8 – regulação social) (Pontuação: 1 – nenhum; 2 – algum; 3 – muito)	Apoio global	Média do apoio recebido em todos os quadrantes
	Conteúdo relacional	Conteúdos ou funções desempenhados por cada quadrante ou geração

Caracterização da amostra

A amostra compreende 23 famílias e 92 sujeitos (4 por família, um representante de cada geração; G1 designa o subsistema mais idoso e G4 o mais novo).

Os participantes de G1 têm média etária de 84.74 anos ($SD=5.41$), variando entre os 75 e os 94 anos de idade; 13.04% são homens. Na composição do agregado familiar, verifica-se que 47.8% reside sozinho, 34.8% reside com os filhos, e 17.4% com o cônjuge. O número médio de elementos no agregado familiar é 2.09 ($SD=1.41$), variando entre 1 (vive sozinho) e 6 pessoas.

Quanto à escolaridade, têm em média 4.7 anos de escolaridade (escolaridade primária) ($SD=3.80$); estando todos aposentados.

A subamostra G2 apresenta uma média etária de 58.65 anos ($SD=5.60$), variando entre 47 anos e 68 anos; 17.39% são homens. Quanto à composição do agregado familiar: 65.22% reside com o cônjuge; 21.74% com o cônjuge, pais idosos e/ou filhos; 8.7% com o cônjuge e filhos; e 4.5% vive sozinho. A média de elementos no agregado familiar é 2.39 ($SD=0.78$), variando entre 1 e 4 pessoas. 56.52% exerce uma atividade remunerada, 26.09% está reformado e 17.39% são domésticas.

A média etária de G3 é 35.43 anos ($SD=5.56$), variando entre 24 e 45 anos; 17.39% são homens (igual a G2). Quanto à composição do agregado familiar, 82.61% reside com o cônjuge e filhos, 8.7% vivem sozinhos e 8.7% habitam sozinhos com filhos; 3.57 é o número médio de elementos no agregado familiar ($SD=1.16$), variando entre 1 e 5 pessoas. 95.65% apresenta uma atividade remunerada e 4.35% é estudante.

G4 apresenta uma média etária de 9.7 anos ($SD=3.77$), variando entre os 5 e os 18 anos; 56.52% são do sexo masculino.

Relativamente à composição do agregado familiar, todos residem com pelo menos um dos progenitores; em média o número de elementos do agregado é de 3.70 ($SD=0.93$, min=2, max=5). Todos são estudantes.

Análise dos dados

Os dados foram analisados através de análise descritiva, inferencial e correlacional.

Resultados

Características estruturais da rede social pessoal

As médias de cada variável das características estruturais (cf. Tabela 3.1.) foram calculadas para cada subsistema geracional e submetidas a análise de variância para examinar diferenças significativas entre grupos (Tabela 3.2.). Existem diferenças estatisticamente significativas em quase todas as variáveis entre os vários subsistemas geracionais, com exceção da intimidade. Em relação aos valores mínimos e máximos, o subsistema G1 apresenta as redes de menor tamanho e maior durabilidade, com menores níveis de heterogeneidade, frequência de contactos e conflito percebido. G4 revela os menores índices de dispersão e de densidade, assim como a maior frequência de contactos de todas as gerações.

Tabela 2. Variáveis estruturais segundo subsistema geracional (médias e variância)

SUBSISTEMAS GERACIONAIS									
Variáveis Estruturais	G1		G2		G3		G4		F
	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Tamanho	11,96	6,62	19,83	8,01	17,91	7,38	13,52	6,62	6,04****
Heterogeneidade	2,13	0,76	3,13	0,92	3,35	0,88	2,91	0,79	9,15****
Durabilidade (Estabilidade)	45,37	9,52	28,70	5,42	15,55	4,10	6,11	2,35	187,45****
Frequência de Contactos	2,48	0,63	2,17	0,39	2,14	0,51	1,72	2,78	9,01****
Dispersão	3,05	0,67	3,36	0,39	3,17	0,42	2,78	0,41	5,82****
Densidade	0,92	0,14	0,76	0,19	0,71	0,15	0,66	0,18	10,28****
Conflito	1,38	0,60	1,67	0,47	1,88	0,35	1,77	0,47	4,59**
Intimidade	3,69	0,63	3,50	0,57	3,49	0,36	3,84	0,69	1,61
Reciprocidade	2,02	0,52	2,35	0,32	2,18	0,20	2,20	0,40	2,83*

* $p \leq .05$

** $p \leq .01$

*** $p \leq .001$

Os subsistemas G2 e G3 apresentam as redes mais numerosas, seguindo-se G4 e G1. Quanto à heterogeneidade, os três subsistemas mais jovens referem, em média, pessoas em três quadrantes, enquanto G1 refere em dois quadrantes. A frequência de contactos nas quatro gerações aproxima-se da opção de múltiplos contactos por semana, embora G1 tenda para o contacto semanal e G4 para o contacto diário. As redes mais dispersas geograficamente pertencem a G2, seguindo-se G3, G1 e G4, mas todas parecem ter como fronteira a localidade de residência. A densidade da rede aumenta na progressão da geração mais nova para a mais idosa. Os níveis de conflito são na globalidade baixos e a intimidade e reciprocidade apresentam valores medianos, pelo que os sujeitos tendem a classificar as relações com elementos da rede entre o “mais ou menos íntimas” ou “muito íntimas”, e dotadas de alguma reciprocidade. Em resumo, os extremos geracionais parecem condensar as maiores disparidades estruturais. Para analisar as diferenças estruturais entre as redes sociais das várias gerações, foi aplicado o teste de comparações múltiplas de Scheffé, que examina a significância das diferenças intergrupais a um nível de $p < .05$.

As redes sociais de G1 são significativamente mais homogêneas e densas, por comparação aos restantes subsistemas geracionais. Apenas os elementos de G4 apresentam maior frequência de contactos do que os elementos das outras gerações (não diferem significativamente). Em termos de dispersão, as diferenças significativas encontram-se entre o subsistema G4, com menor distância geográfica, e o subsistema G2, com maior distância geográfica. Outras diferenças estatisticamente significativas incluem: percepção de maior frequência de conflito em G3 por comparação a G1; diferenças na reciprocidade da rede entre G1 (menos recíproca) e G2 (mais recíproca); e diminuição progressiva da durabilidade dos laços de G1 até G4. As diferenças ao nível da estrutura da rede parecem revelar-se maiores quando são comparadas as gerações limítrofes (G1 e G4) com as intermédias (G2 e G3). A única característica estrutural que parece distinguir as redes de G2 das redes de G3 é a durabilidade dos laços que perduram há mais tempo em G2.

Também se analisou a composição da rede, relevante por ter sido descrita como uma variável que diferencia tipos de rede, constituindo um ponto-chave na tipologia de redes de Litwin (1995). Em todas as gerações, as redes sociais dos inquiridos apresentam sempre como quadrante mais populoso a família. Contudo, o peso relativo atinge o mínimo em G4 e procede ganhando em preponderância ao longo das gerações.

O quadrante das relações de amizade apresenta uma tendência inversa. As relações de trabalho e/ou estudo, revelam uma diminuição moderada de G3 para G2, e uma diminuição vincada na passagem de G2 para G1, momento associado à aposentação. Esta diminuição é

concomitante à diminuição do peso dos amigos em G1. Os quadrantes dos vizinhos e dos técnicos/instituições apresentam valores diminutos, quando comparados com os restantes quadrantes.

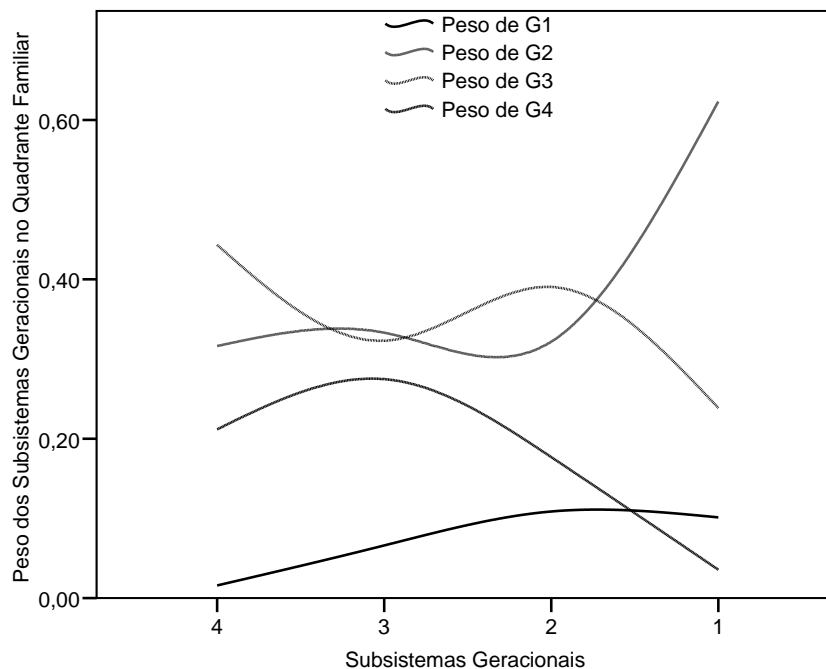
Uma das singularidades deste estudo consiste em discriminar o subsistema geracional a que pertencem os elementos da rede dos inquiridos, permitindo descortinar tendências evolutivas no quadrante familiar, ou seja, avaliar o peso dos diferentes quadrantes geracionais consoante a geração de pertença do sujeito focal. A Figura 1 elucida essas variações, revelando que, apesar da família permanecer um pilar das redes sociais em todas as gerações, a sua composição sofre mudanças quanto à pertença geracional dos sujeitos parte, consoante a posição geracional do respondente (Tabela 3).

Tabela 3. Composição da rede segundo subsistema geracional (médias e variância)

SUBSISTEMAS GERACIONAIS									
<i>Peso dos quadrantes</i>	G1		G2		G3		G4		<i>F</i>
	Médi a	<i>SD</i>	Médi a	<i>SD</i>	Médi a	<i>SD</i>	Médi a	<i>SD</i>	
Família	0,78	0,1 8	0,60	0,1 9	0,53	0,1 7	0,47	0,1 4	14,25* *
Amigos	0,14	0,1 7	0,21	0,1 4	0,25	0,1 4	0,31	0,2 2	4,22*
Vizinhos	0,04	0,0 7	0,04	0,1 0	0,02	0,0 5	0,03	0,0 6	0,44
Relações de trabalho/estudo	0,00	0,0 0	0,11	0,1 3	0,16	0,1 0	0,14	0,1 6	8,67**
Técnicos/instituições	0,03	0,0 7	0,02	0,0 4	0,04	0,0 6	0,04	0,0 7	0,28
<i>Peso dos subsistemas geracionais no quadrante familiar</i>									
G1	0,10	0,1 2	0,11	0,0 8	0,07	0,0 8	0,02	0,0 4	5,64**
G2	0,62	0,2 6	0,32	0,1 2	0,33	0,1 2	0,32	0,1 6	16,75* *
G3	0,24	0,2 1	0,39	0,1 2	0,32	0,1 4	0,44	0,2 2	5,47*
G4	0,04	0,0 7	0,18	0,1 2	0,27	0,1 3	0,22	0,2 2	10,85* *

* $p \leq .01$

** $p \leq .001$

Figura 1. Peso das várias gerações no quadrante familiar

Para a geração mais nova, o subsistema geracional G3 é o mais relevante, seguindo-se as relações com G2 e, depois, as relações intrageracionais com G4. Com um peso quase nulo, encontram-se as relações com o subsistema G1. Na geração que lhe antecede na família, existe um equilíbrio entre o peso de G2 e o peso das relações intrageracionais com G3. O subsistema G4 atinge em G3 o peso mais elevado, comparativamente ao que tem noutras gerações. Em G2, decresce o peso de G4, mas aumenta o peso de G1 e de G3. Em G1, assiste-se ao aumento da importância de G2 para o maior nível e à diminuição da importância das outras gerações.

Características funcionais da rede social pessoal

G2 é a geração com redes menos suportivas, enquanto G4 é a geração que mais suporte recebe (Tabela 4). G2 apresenta os valores mais baixos de apoio emocional, instrumental, aconselhamento, acesso a novos contactos (conjuntamente com G1), companhia social e regulação social. G4 apresenta os valores mais elevados de apoio instrumental, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social; G3 detém os maiores índices de apoio emocional, apoio técnico e apoio financeiro (a par de G2). Apesar destas diferenças, constatou-se que alguns tipos de

apoio, nomeadamente o emocional e o financeiro, não variam significativamente entre as gerações, constituindo, tal como a característica estrutural de intimidade, elementos transversais às redes sociais pessoais da amostra.

Tabela 4. Variáveis funcionais segundo subsistema geracional (médias e variância)

SUBSISTEMAS GERACIONAIS									
Variáveis Funcionais	G1		G2		G3		G4		F
	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Apoio Geral	1,38	0,25	1,31	0,13	1,49	0,17	1,63	0,37	7,31**
Apoio Emocional	1,92	0,52	1,68	0,29	1,82	0,37	1,76	0,52	1,25
Apoio Financeiro	1,13	0,24	1,26	0,29	1,26	0,22	a)	a)	2,15
Apoio Instrumental	1,56	0,56	1,25	0,18	1,50	0,35	1,66	0,41	4,36*
Apoio Técnico	1,04	0,07	1,09	0,14	1,29	0,24	1,04	0,09	13,96**
Aconselhamento	1,35	0,31	1,34	0,27	1,53	0,22	1,72	0,51	6,18**
Acesso a Novos Contactos	1,17	0,42	1,17	0,19	1,44	0,34	1,51	0,49	5,16*
Companhia	1,66	0,57	1,57	0,30	1,85	0,29	2,07	0,59	5,32*
Regulação Social	1,22	0,57	1,11	0,13	1,23	0,21	1,65	0,54	7,58**

* $p \leq 0,1$

** $p \leq 0,001$

a) Todos os elementos de G4 são dependentes financeiramente.

Para melhor compreender a relação entre subsistema geracional e apoio prestado pela rede social, discriminou-se a natureza das diferenças estatisticamente significativas reveladas pela análise da variância (usando o teste de comparações múltiplas de Scheffé). Ao nível do suporte, as gerações mais velhas (G1 e G2) não se distinguem em nenhum tipo de apoio; G3 apenas se distingue das restantes por receber mais apoio técnico. O subsistema que se distancia dos restantes, ao nível funcional, é G4 que apresenta: mais regulação social do que os restantes; mais apoio instrumental do que G2; e mais apoio global, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social do que G1 e G2.

Em termos de apoio pelos diferentes subsistemas geracionais (Tabela 5): o apoio geral providenciado por G1 e G2 não varia significativamente entre elementos de gerações diferentes, ou seja, independentemente do quadrante geracional do sujeito focal, o apoio prestado pelas duas gerações mais idosas da família é constante; o apoio que G3 providencia parece refletir-se na vivência da geração subsequente e o apoio que G4 faculta na geração antecedente. De assinalar que G4 apresenta o maior valor de apoio global proveniente de G1, o que significa que este subsistema geracional,

raramente mencionado nas redes dos mais novos, quando é referido, detém algum tipo de conteúdo funcional relevante. G1 parece recolher a maior parte do apoio da geração G2 e esta recolhe-o sobretudo da geração G3. A geração G1 é aquela que menos suporte providencia às restantes gerações.

Tabela 5. Apoio geral de cada subsistema geracional (médias e variância)

SUBSISTEMAS GERACIONAIS									
<i>Variáveis Funcionais</i>	G1		G2		G3		G4		F
	Média	SD	Média	SD	Média	SD	Média	SD	
Apoio Geral de G1	1,21	0,18	1,35	0,38	1,45	0,43	1,48	0,44	0,97
Apoio Geral de G2	1,49	0,27	1,39	0,29	1,65	0,32	1,61	0,52	2,46
Apoio Geral de G3	1,21	0,22	1,46	0,31	1,58	0,26	2,03	0,42	22,04**
Apoio Geral de G4	1,22	0,27	1,19	0,16	1,43	0,28	1,30	0,34	2,94*

* $p \leq .05$

** $p \leq .001$

Discussão dos resultados

Os dados apontam para um desenvolvimento da rede social, semelhante ao mapa evolutivo de Sluzki (1996): um aumento gradual do número e diversidade dos laços ao longo das primeiras fases do ciclo vital e posterior declínio nas fases finais da vida. Este movimento é sugerido pelas diferenças no tamanho da rede consoante as gerações e por algumas características estruturais (heterogeneidade, densidade e composição), que indicam que a organização dos laços difere significativamente entre as gerações intermédias e as limítrofes. Provavelmente, os elementos de G4, antes de constituírem as redes heterogéneas reveladas nos dados, tiveram uma rede social familiar nos primeiros anos da vida; posteriormente, surgiram na órbita relacional outros familiares, amigos, vizinhos e colegas da escola. Ou seja, a rede social é, na origem, um homogéneo de relações sociais, evolui acompanhando o desenvolvimento físico e psicológico do sujeito, diversifica-se e sofre mutações com a entrada e saída de elementos, acabando, no final da vida, por recriar a homogeneidade dos primeiros anos, em torno da relação entre pais (muito idosos) e filhos (de meia idade ou idosos) (Johnson & Barer, 1997). Nos idosos mais novos (entre os 60 e os 74 anos de idade, a que alguns elementos de G2 pertencem), os filhos não assumem necessariamente um papel central, pois existe um recurso aos amigos para recolher benefícios sociais e

emocionais (Crohan & Antonucci, 1989). Com o decorrer dos anos, à medida que os amigos morrem ou se tornam dependentes, o potencial para o seu envolvimento diminui e os filhos passam a assumir o papel de principal suporte instrumental e expressivo, como os pais o haviam sido quando nasceram.

Os dados relevam a contiguidade dos subsistemas geracionais e diminuição progressiva da importância das gerações com o aumento da distância que as separa (com as relações entre G1 e G4 a assumirem o lugar mais modesto entre as várias relações intergeracionais). Estes resultados reforçam os estudos sobre redes de ajuda e solidariedade em contexto europeu que atestam a importância da ascendência e descendência imediata (Vasconcelos, 2005). Em todas as gerações, o quadrante familiar constitui uma parte significativa das redes. Dentro do sistema familiar todas as gerações têm um papel importante e nenhuma parece estar desocupada de funções para as restantes, mas esta importância depende da proximidade geracional. Contudo, há que ponderar este dado, pois a análise detalhada das redes sociais pessoais de G1 (Vicente & Sousa, 2007) revelou que a inclusão de elementos de outras gerações para além de G2, particularmente de G3, significava redes maiores e menos dependentes de G2. Ou seja, apesar das normas sociais implicarem que o cuidado familiar é uma tarefa de pais e filhos (geralmente filhas), constatou-se que as outras gerações podem ter um papel relevante e enriquecedor. Importa sublinhar que neste estudo foram abordadas as relações entre subsistemas geracionais e não relações diádicas. A importância da contiguidade geracional não significa retirar importância a relações entre elementos de subsistemas geracionais não contíguos (como avós e netos). Com efeito, o lugar dos avós e netos nas redes sociais de cada um permanece relevante, pois os dados revelam que: a) na subamostra G1, 65.22% dos sujeitos mencionaram um ou mais netos; b) 73.91% dos elementos de G2 referiram pelo menos um neto; c) 56.52% da subamostra G3 referiu pelo menos um avô; d) os entrevistados mais jovens de G4, 86.96% referiu pelo menos um avô. Estes dados apontam pistas para análises subsequentes, levantando questões sobre: relação entre subsistemas de linhagem e subsistemas geracionais; lugar de determinadas relações intergeracionais diádicas cuja importância pode ser obscurecida numa análise como a aqui apresentada.

Os dados apontam para uma variação estrutural, mas não funcional, nas redes sociais dos adultos independentes. Ou seja, a rede social apresenta praticamente as mesmas funções para todos os indivíduos, independentemente da geração de pertença,

mas a forma como as relações se estruturam é significativamente diferente. A exceção ocorre em G4, que apresenta diferenças estruturais e funcionais (provavelmente por serem crianças/adolescentes dependentes da família de origem). As variações estruturais mais significativas entre adultos independentes verificam-se na comparação entre as gerações intermédias de G2 e G3 com a geração mais idosa de G1. Os resultados indicam proximidade estrutural e funcional de G2 e G3, que poderia hipotetizar a não distinção destes subsistemas geracionais. Contudo, existem elementos diferenciadores, que não se encontram nas redes dos próprios, mas nas redes dos outros, em particular no peso atribuído ao subsistema G2 pelos elementos de G1 e na quantidade de apoio prestado pelo subsistema geracional G3 ao G4.

Importa mencionar um aspeto relativo às diferenças na frequência de conflito referidas pelas diferentes gerações e às semelhanças no grau de intimidade percebido. Em termos de conflito, apenas se diferenciaram significativamente G1 e G3, mas nota-se a evolução dos valores com a fase do ciclo vital. O subsistema geracional G3, que apresenta o valor mais elevado, encontra-se na fase da “família com filhos pequenos” ou “família com filhos adolescentes” (Carter & McGoldrick, 2005), implicando que esta geração ganhou independência em relação à família de origem há pouco tempo e está a definir as suas regras, sendo provável que estes indivíduos suportem melhor as ambivalências dos laços da sua rede e tenham maior facilidade em identificar conflitos. G4 apresenta-se dependente da geração que a antecede, e aqui os valores de conflito atingem um valor menor, que decresce quando abordamos G2, composta por pessoas que terminaram recentemente a tarefa de lançar os filhos. O subsistema com valores mais baixos de conflito e maior peso do quadrante familiar é a geração mais idosa, dados que podem traduzir a integridade individual (Erikson, 1976) e das relações familiares (King & Wynne, 2004). O conflito faz parte das relações familiares, mas encontra-se geralmente restringido aos temas que não comprometem a relação (Troll, 1982), ou seja, o sentimento familiar que agrega membros de diferentes gerações induz um cuidadoso evitamento de temas fraturantes, o que parece reforçado pelos baixos valores de conflito percebido nos vários grupos. Os valores similares de intimidade percebida parecem remeter para a definição de rede social pessoal e para um melhor conhecimento do que o IARSP-R mede, ou seja, quando questionados acerca das pessoas mais significativas nas suas vidas, os sujeitos tendem a identificar elementos com os quais existe um grau de intimidade médio ou elevado.

Acresce um comentário sobre o papel do subsistema geracional G2, que emerge como o que mais suporte presta às gerações G1 e G3, e que corresponde à geração apelidada de “ensanduichada” (Chisholm, 1999). Está situada numa posição de cuidar dos seus pais idosos e prestar suporte aos filhos que, apesar de já terem constituído famílias nucleares, parecem socorrer-se dos pais quando necessitam de apoio. A recomendação vai no sentido da necessidade de divisar, através das instâncias governamentais ou do setor privado, apoios e serviços que permitam a esta geração cumprir as tarefas que lhe são incumbidas pelo sistema familiar multigeracional, de forma adequada aos sistemas de significados culturais atribuídos ao envelhecimento, às relações familiares do recipiente de apoio.

Conclusões

Neste estudo fundamentou-se: a importância da contiguidade geracional; os diferenciais estruturais e funcionais nas redes sociais de indivíduos pertencentes a gerações distintas, nomeadamente da variação estrutural, mas não funcional das redes sociais dos adultos independentes; a proximidade estrutural e funcional das gerações intermédias; a condensação de diferenças nos subsistemas geracionais limítrofes; as tendências evolutivas da rede social.

Investigações futuras poderiam incluir uma medida de avaliação subjetiva do grau de satisfação pessoal com a rede social ou de um inventário breve de qualidade de vida, para correlacionar com as características estruturais e funcionais. Assim, poder-se-ia avaliar se redes maiores e mais heterogéneas, com maior participação de todos os subsistemas geracionais da família multigeracional, confeririam maior qualidade de vida ou maior satisfação com a rede.

Rossi e Rossi (1990) argumentam que o tempo histórico marca a estrutura familiar; por isso, o enfoque em aspetos desenvolvimentais exige lidar com uma complexa mistura de influências históricas e de *coorte* inerentes aos fenómenos maturacionais. Quando comparamos as redes sociais de indivíduos com mais de 75 anos de idade com as redes dos seus filhos adultos, ou entre estes e os seus netos em idade escolar, temos de ter presente que os anos formativos foram passados em circunstâncias distintas, em que se incluem características biográficas idiossincráticas e os eventos

históricos durante os vários estádios de desenvolvimento pessoal. Este estudo consiste num corte transversal da realidade familiar multigeracional e traduz uma fotografia instantânea com boa definição.

Referências

- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44: 353-76.
- Blieszner, R. & Bedford, V. (1995). The family context of aging. In: Blieszner, R. & Bedford, V.H. (Eds.). *Handbook of aging and the family: 3-12*. Westport: Greenwood.
- Botcheva, L.B. & Feldman, S.S. (2004). Grandparents as family stabilizers during economic hardship in Bulgaria. *International Journal of Psychology*, 39(3): 157-68.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded family life cycle. In B. Carter & M. McGoldrick. (Eds.). *The expanded family life cycle: 1-26*. Boston: Allyn & Bacon.
- Chisholm, J.F. (1999). The sandwich generation. *Journal of Social Distress and the Homeless*, 8(3): 177-90.
- Crohan, S. & Antonucci, T. (1989). Friends as a source of social support in old age. In: Adams, R.G. e Blieszner, R. (Eds.). *Older adult friendship*. London: Sage.
- Erikson, E. (1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1963).
- Fine, M. & Norris, J.E. (1989). Intergenerational relations and family therapy research: What we can learn from other disciplines. *Family Process*, 28(3): 301-15.
- Goodman, C. & Silverstein, M. (2001). Grandmothers who parent their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22(5): 557-78.
- INE - Instituto Nacional de Estatística. (2002). *O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas*. Lisboa: INE.
- Johnson, C.L. & Barer, B.M. (1997). *Life beyond 85: The aura of survivorship*. New York: Springer Publishing Company.
- King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of “family integrity” in later life. *Family Process*, 43(1): 7-21.
- Kohli, M. (1985). The world we forgot: An historical review of the life course. In: Marshall, V.W. (Eds.). *Later life*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Litwin, H. (1995). *Uprooted in old age: Soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport: Greenwood.
- Litwin, H. (Ed.). (1996). *The social networks of older people*. Westport: Praeger.
- Luescher, K. & Pillemer, K. (1998). Intergenerational ambivalence. *Journal of Marriage and Family*, 60(2): 413-25.
- Mangen, D.J. (1995). Methods and analysis of family data. In: Blieszner, R. & Bedford, V.H. (Eds.). *Handbook of aging and the family: 149-177*. Westport: Greenwood.

- Poehlmann, J. (2003). An attachment perspective on grandparents raising their very young grandchildren. *Infant Mental Health Journal*, 24(2): 149-73.
- Reese, C. & Murray, R. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmothering. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4): 245-51.
- Rossi, A.S. & Rossi, P.H. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Silverstein, M. & Bengtson, V. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103(2): 429-60.
- Sluzki, C. (1996). *La rede social: Frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa.
- Sousa, L. (2009). New themes on ageing families. In: Sousa, L. (Ed.). *Families in later life: Emerging themes and challenges*: 1-25. New York: Nova Science Publishers.
- Sussman, M. (1951). *Family continuity: a study of factors affect relationships between families at generational levels*. Doctoral dissertation. New Haven: Yale University.
- Troll, L.E. (1982). Family life in middle and old age: The generation gap. *The Annals, American Academy of Political and Social Science*, 464: 38-46.
- Vasconcelos, P. (2005). Redes sociais de apoio. In: Wall, K. (Org.). *Famílias em Portugal*: 599-631. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vicente, H. & Sousa, L. (2007). Famílias multigeracionais: Estruturas típicas. *Psychologica*, 46: 143-66.

Henrique Testa Vicente - Professor Auxiliar do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra;
E-mail: henrique.t.vicente@gmail.com

Liliana Sousa - Professora Auxiliar com Agregação; UNIFAI; Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193, Aveiro.
E-mail: lilianax@ua.pt